



# Aproximando Matte-Blanco

*Viviane Sprinz Mondrzak\*, Porto Alegre*

*O trabalho se propõe a fazer uma introdução ao pensamento de Matte-Blanco, trazendo alguns dados sobre a pessoa do autor, alguns dos aspectos centrais de sua obra (entre eles, a bi-lógica e o trabalho de tradução), bem como possíveis desdobramentos teóricos e técnicos de suas idéias.*



---

\* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





Viviane Sprinz Mondrzak

## Para começar

Ler Matte-Blanco demanda um esforço especial, já que, em seus trabalhos, os conteúdos psicanalíticos se mesclam com a lógica matemática, um raciocínio ao qual não estamos habituados e que temos tendência a considerar como não tendo nada a ver com psicanálise. A pergunta se o esforço vale a pena não é descabida, principalmente se levarmos em conta a quantidade de textos e informações que temos à disposição e a total impossibilidade de darmos conta de tudo. É clara a intenção deste pequeno artigo de convencer o leitor da utilidade da empreitada. Mais do que utilidade, da abertura de perspectivas que a abordagem de Matte-Blanco proporciona e sua aplicação na prática psicanalítica. A objeção levantada por nossa pouca disposição em nos tornarmos matemáticos pode ser deixada de lado: é possível compreender o essencial do pensamento de Matte-Blanco sem que para isto precisemos nos debruçar sobre os meandros da lógica. Algumas noções básicas já preparam o terreno, e tomamos contato com uma visão mais ampla sobre a matemática, não uma ciência apenas voltada a quantificar fenômenos, mas que busca indicar movimentos e direções mentais, delimitando conceitos, um processo que está na base de todo pensamento humano (Talamo, 1999). Para Matte-Blanco, psicanalistas são, sem o saberem, matemáticos. Além disso, há uma concordância temporal: enquanto Freud estudava o inconsciente, os matemáticos estudavam os conceitos de infinito e conjuntos. Matte-Blanco, como veremos, aproxima as duas perspectivas e faz com que apresentem uma correspondência surpreendente.

## Matte-Blanco

Antes das idéias, um pouco sobre o autor. Matte-Blanco nasceu no Chile, em 1908, de uma família aristocrática. Após formar-se em medicina, foi professor de fisiologia e, nos anos 30, mudou-se para a Inglaterra, onde fez sua formação analítica, ao mesmo tempo em que estudava intensivamente lógica matemática. Seu analista foi Walter Schmideberg (genro de Melanie Klein), e teve como professores, entre outros, Rickman, Strachey, Riviere, Isaacs e a própria Melanie Klein. Considerava-se do grupo Independente na Sociedade Britânica, apesar de manifestar clara admiração por Klein. Em seus escritos é evidente a base teórica que utiliza: Freud e Klein. Em 1940 mudou-se para os Estados Unidos, onde ficou 4 anos trabalhando no Hospital John Hopkins e na Duke University. Ao mesmo tempo, aprofundou seus estudos de lógica matemática na Universidade de Columbia. Após este período, retorna ao

90 □ Revista de Psicanálise, Vol. IX, Nº 1, abril 2002





Chile. Seguiu trabalhando em psiquiatria e em psicanálise, tendo sido um dos principais fundadores da Sociedade Chilena de Psicanálise. Em 1966 mudou-se para Roma, já casado com sua segunda esposa, Luciana Bon de Matte, também psicanalista, e com seus 6 filhos, tornando-se analista didata da Sociedade Italiana de Psicanálise. Seguiu trabalhando e escrevendo até 1990, quando um acidente o deixou com severo dano cerebral, vindo a falecer em 1995. Era descrito com um homem magro e pequeno, de aparência aristocrática, extremamente emocional e sentimental, nem sempre fácil de lidar quando contrariado. Ele próprio considerava-se uma mescla de características latinas passionais com uma paixão britânica pela lógica e pela organização (Rayner, 1995).

Matte-Blanco escreveu 2 livros: *The Unconscious as Infinite Sets*, publicado em 1975, e *Thinking Feeling and Being*, em 1988. Pretendia escrever um terceiro, sobre epistemologia, com o título *Si Dios Quisiera*, projeto que, infelizmente, não pôde realizar. Apesar de ter escrito em inglês, é um autor pouco conhecido fora da Itália e de algumas regiões da América Latina (Chile e Argentina). Existe na Inglaterra o London Bi-logic Group, que reúne em torno de 20 membros (psicanalistas e de outras áreas) para discutir as idéias de Matte-Blanco.

## Algumas idéias

O que pretendo neste artigo é destacar algumas das principais idéias de Matte-Blanco e linhas de pensamento que podem se desenvolver a partir delas. É uma pequena síntese que não dá conta da complexidade de seu pensamento, mas que, espero, possa despertar o interesse do leitor.

Profundo conhecedor de Freud, Matte-Blanco coloca ênfase no Freud da primeira tópica e toma como ponto de partida a noção de inconsciente, para ele, uma das mais importantes contribuições de Freud, relegada a um plano secundário a partir dos desenvolvimentos da psicologia do ego. Ao lado da visão freudiana da mente dinâmica, com impulsos, instintos e desejos que podem ou não estar em conflito, Matte-Blanco propõe uma visão da mente como classificadora, que está permanentemente ordenando dados. Podemos imaginar nossas mentes sendo confrontadas com uma diversidade de estímulos, internos e externos que precisam ser organizados para que possamos ter conhecimento deles, já que não podemos conhecer nada em si mesmo de forma absoluta. O conhecimento se conseguiria através da possibilidade de discriminar relações entre eventos, verificar semelhanças e contrastes, estabelecendo o que é chamado de função proposicional, que determina a formação de conjuntos. Em outros termos, nossas mentes estariam sempre fazendo proposições sobre uma coisa,



Viviane Sprinz Mondrzak

outra coisa e a relação entre elas. Um conjunto potencialmente infinito destas tríades seria o ponto de partida para a construção de todo pensamento. A partir daí, chegamos a conceitos cruciais nas idéias de Matte-Blanco: as características das relações simétricas e assimétricas, as formas de relações que estariam à disposição da mente.

Assim, para Matte-Blanco, usando basicamente as contribuições de Russell (cujos estudos sobre lógica matemática influenciaram toda uma geração de pensadores), há um modo simétrico e um modo assimétrico de organizar dados e conhecer algo (conhecimento é aqui entendido de modo amplo, não apenas conhecimento intelectual, mas a percepção de qualquer fenômeno). O primeiro, regido pelo princípio da simetria, registra a identidade, a homogeneidade, o que há de comum entre os fenômenos; o segundo, correspondendo à lógica aristotélica, discrimina diferenças. Ambos são essenciais em todas as experiências humanas e Matte-Blanco nos alerta que esta classificação, por ser uma forma assimétrica de tratar o problema, é incapaz de corresponder à experiência simétrica em si (Matte-Blanco, 1975).

Vejam os princípios da lógica simétrica e da assimétrica conforme descritas por Russell (Matte Blanco, 1975). Uma relação logicamente assimétrica é aquela em que o contrário de uma proposição não é idêntico a ela. Por ex: se A está dentro de B, B não está dentro de A; se A está à esquerda de B, B não está à esquerda de A; se A está antes de B, B não está antes de A. Estes exemplos já antecipam que a lógica assimétrica é essencial para o estabelecimento da noção de todo e parte, tempo e espaço. Já a lógica simétrica trata toda relação como idêntica ao seu contrário, de onde se conclui que se A está dentro de B, B está dentro de A e, portanto, a parte e o todo são a mesma coisa; se A está à esquerda de B, B vai estar à esquerda de A, portanto não há discriminação espacial. Se A está antes de B, B está antes de A, e não temos discriminação de tempo. Assim, encontramos as principais características do inconsciente, descritas por Freud, explicadas em termos de um modo logicamente simétrico de perceber os dados: se antes é igual a depois, não há noção de tempo; se dentro é igual a fora, não há distinção entre realidade interna e externa; onde só é percebido o comum entre dois desejos, não há contradição nem negativa; onde a parte pode ser tomada pelo todo, a condensação e o deslocamento são a regra. Propõe assim, para entendermos o funcionamento da mente, o modelo de um sistema lógico duplo – uma bi-lógica – composto pela interação entre um modo simétrico e um assimétrico de ser, que corresponderiam, em linhas gerais, à distinção entre processo primário e secundário de Freud.

Vamos seguir um pouco mais com a lógica simétrica antes de estudarmos as relações existentes entre ambas. Matte-Blanco baseia seu conceito de lógica simétrica do inconsciente numa parte da teoria de Russell que trata de uma exceção à regra pela qual uma classe não pode ser representada por um de seus membros. Esta exce-





ção diz respeito aos conjuntos infinitos, nos quais um subconjunto é igual ao conjunto inteiro. É uma forma matemática de expressar o que conhecemos sobre o inconsciente e sua lógica. Vejamos como isto funciona. Tomemos o conjunto infinito dos números inteiros (1, 2, 3, ...). Deste conjunto, podemos formar o subconjunto dos números pares (2, 4, 6, ...) que também é infinito. Para cada número no conjunto inteiro, há um correspondente no subconjunto dos pares, o primeiro elemento de um corresponde ao primeiro elemento do outro e, portanto, 1 equivale a 2, 2 equivale a 4 e assim por diante, trazendo como consequência que a parte, o subconjunto, é igual ao todo, o conjunto inteiro. Conclui-se que os conjuntos matemáticos infinitos se comportam de forma similar para as partes e para o todo na lógica simétrica. Matte-Blanco propõe nossas mentes como contendo um número infinito de conjuntos infinitos, regidos pelos princípios da generalização e da simetria. Pelo primeiro, os indivíduos (pessoas, objetos, conceitos) são tratados como se fossem elementos de um conjunto; este conjunto como se fosse subconjunto de outro mais geral e assim por diante, tendendo a uma generalização cada vez maior, mas conservando algum aspecto das características originais do objeto inicial. Assim, o inconsciente só conhece classes, não indivíduos. Sempre que o inconsciente está diante de um objeto, parcial ou total, trata-o não como um indivíduo, mas como toda a classe, porque não lida com objetos, mas com classes proposicionais.<sup>1</sup>

Várias questões vão se delineando. Na proposta de Matte-Blanco, consciente e inconsciente não são locais da mente, mas modos de funcionamento. A mente poderia ser vista como uma seqüência de estratos, desde o predomínio de pensamento consciente lógico, até uma camada onde haveria o predomínio da simetria (teoricamente se poderia pensar numa camada apenas simétrica, de total homogeneidade e indivisibilidade). Cada estrato conteria uma determinada proporção de modo simétrico e assimétrico e comporia sempre uma estrutura bi-lógica. Para ele, seria inconcebível no ser humano qualquer experiência ou atividade mental que não fosse ao mesmo tempo simétrica e assimétrica, variando as proporções de um e de outro. No raciocínio intelectual abstrato, por exemplo, teríamos um predomínio de modo assimétrico, enquanto que nas experiências de emoções intensas teríamos um grau maior de simetria. Nos esquizofrênicos, com os quais Matte-Blanco iniciou seus estudos, haveria uma presença de modo simétrico, em que deveria haver assimetria. Assim, é um erro imaginar os dois modos em oposição ou o modo simétrico como patológico. Ambos estão presentes sempre. Quando uma criança, ao brincar, diz que é o super-

1. Proposições são chamadas sentenças abertas nas quais uma incógnita deve preencher algum requisito proposto, por ex, "ser amado" é uma proposição e todos que preencherem este requisito que é ser amado fazem parte da classe determinada por ela. Neste sentido, ter pensamentos envolve fazer proposições, desde um instantâneo ato de percepção, como nos bebês, até deduções altamente abstratas.





Viviane Sprinz Mondrzak

homem, sabe que não é. No entanto, o ponto básico da brincadeira é que ela é o super-homem. Sem simetria, que estabelece a homogeneidade, não há brinquedo, mas sem a lógica assimétrica, que discrimina a diferença entre a criança e o super-homem, o brincar se transforma em delírio, e a criança acredita que pode voar.

Além de um corte vertical na mente, que pressupõe a concomitância de todas as camadas na mente adulta, idealmente sob a supremacia do modo assimétrico, mas precisando manter contato com a simetria para se apaixonar, se emocionar, apreciar arte, compreender conceitos mais abstratos, etc., Matte-Blanco oferece uma visão da evolução desta mesma mente desde o nascimento. O bebê nasceria com um predomínio de simetria, e sua primeira forma de perceber qualquer estímulo seria simétrica, através de uma emoção. A emoção é sentida como um evento psicofísico, e esta experiência emotiva vai sendo submetida a um processo de atividade proposicional, que vai crescendo em assimetria com o desenvolvimento. É a partir da emoção que a função proposicional desenvolve o pensamento, o estabelecimento de relações. Indo além nesta visão, o inconsciente é potencialmente uma consciência com um número maior de dimensões do que nossa consciência habitual pode perceber. O que é inconsciente é porque a consciência não está habilitada para sua percepção.

Ao processo de transformação do que é inconsciente simétrico em consciente assimétrico, Matte-Blanco dá o nome de tradução ou “unfolding” (desdobramento, esclarecimento, expansão, revelação). O termo “tradução”, apesar de não refletir a idéia básica do processo que procura descrever, é o mais utilizado por ele.

Seguindo seu raciocínio, o que é inconsciente nunca se torna consciente, e o que podemos é tomar consciência de porções dele. A consciência, neste modelo proposto, seria como uma luz que ilumina algo que já estava ali, não havendo, portanto, uma mudança na estrutura, apenas na qualidade de ser inconsciente ou consciente. Aqui vale lembrar Freud (1924) quando diz que o que é mental é em si próprio inconsciente e que ser consciente é uma qualidade que pode ou não advir, pelo funcionamento da consciência, órgão capaz de perceber as qualidades psíquicas. Para ele, a consciência “... permanece a única luz que ilumina nosso caminho e nos conduz através das trevas da vida mental” (Freud, 1940b, p.321). Mas, por sua natureza, a consciência humana só pode dar conta de, no máximo, quatro dimensões (incluindo o tempo) e, portanto, não pode conter o modo simétrico, de infinitas dimensões. O que pode fazer é deixar penetrar aos poucos estas dimensões, como se conseguisse “ler na massa amorfa do ser simétrico” (Matte-Blanco, 1975, p.107), pegando pedaços aqui e ali e ordenando-os na dimensão espaço-temporal. Isto significa que se comporta como se estivesse transformando o modo simétrico de ser em assimétrico, mas está apenas lhe dando uma aparência de assimétrico para que possa ser captado pela consciência. Assim, o modo simétrico de ser é colocado como a realidade





de básica do homem, de onde se desprenderia um grupo ilimitado de funções assimétricas.

A maneira como Matte-Blanco coloca o pensamento também segue nesta linha. Considera-o como um processo de distinção, como “*um lençol fino de assimetria entre dois volumes de simetria*” (Matte-Blanco, 1975, p.289). No esforço contínuo de compreender o que não pode, por estar além do alcance da compreensão humana consciente, o pensamento tenta, inicialmente, procurar expressões em termos de conjuntos infinitos, gerando um afeto, um “entendimento emocional” (como já vimos, o afeto é considerado uma estrutura cognitiva, matéria-prima para o pensamento). Dessa forma, o inconsciente, para ele, somente conhece classes, e os pensamentos são vistos como atividade proposicional da mente. Esta, quando confrontada com um grupo de sinais, os classificará, inconscientemente, num conjunto infinito, que corresponde a uma emoção. Portanto, a emoção pode ser definida como uma forma elementar de classificação, como uma atividade cognitiva básica, produto da lógica simétrica: “*...as emoções oferecem ao intelecto infinitas possibilidades de desenvolvimento...visto de dentro, emoção não é pensamento, porque não é uma atividade proposicional, mas é a mãe do pensamento*” (Matte-Blanco, 1975, p.303). Assim, a contínua exploração do simétrico nutre o assimétrico de uma fonte infinita de conhecimento. Seria como se o pensamento pudesse ver infinitos cenários à sua frente, mas nunca pudesse chegar ao infinito em sua exploração. O modo simétrico entra em cena e o vive inteiramente. O pensamento revela o modo simétrico estabelecendo relações assimétricas expressas em termos de conjuntos infinitos: em outros termos, o modo simétrico pode ser revelado sob a forma de um número infinito de relações.

O conhecimento da lógica simétrica ajuda a compreender a natureza de vários fenômenos que apresentam características de conjuntos infinitos: a onisciência (“Não existe limite para o meu saber”); a onipotência (“Não há limite para meu poder”); a impotência, que segue a mesma linha, só que em termos de números negativos infinitos (“Não posso fazer nada”) (Rayner, 1981). O sistema inconsciente, regido pela simetria, não registra o zero, já que não estaria dotado para perceber uma simples ausência sem carregar o objeto ausente com características infinitamente negativas, o mesmo acontecendo com um bom objeto. Assim, o inconsciente segue a lei dos conjuntos infinitos, atribuindo ao objeto a máxima potencialidade que está implícita na função proposicional da classe: ou tem um objeto e, neste caso, o tem em suas infinitas potencialidades positivas, ou não o tem, sendo sua ausência sentida no máximo poder negativo (Matte-Blanco, 1975, 1988).

No seu segundo livro, Matte-Blanco (1988) aprofunda o estudo das várias combinações entre simetria e assimetria, reforçando sua percepção de que todos os



Viviane Sprinz Mondrzak

fenômenos mentais são estruturas bi-lógicas. A sensação de apaixonamento, sentida como infinita, mostra um predomínio de simetria, sem limite de tempo e espaço. Não se imagina alguém sentindo ou expressando seu amor dizendo: “Estou apaixonado por um prazo de dois meses e somente quando nos encontramos no parque.” No entanto, mesmo aqui, há um nível de pensamento assimétrico capaz de perceber defeitos ou limitações na pessoa amada.

A transferência também pode ser vista como uma estrutura bi-lógica. Por um lado, simetria, já que a parte é tratada como tendo as potencialidades do todo, com a projeção de conjuntos que se sucedem infinitamente, chegando até o analista e mantendo sempre algum ponto de contato com o objeto original. No entanto, o paciente sabe que o analista não é o objeto primário, havendo uma assimetria capaz de perceber as diferenças. O caráter paradoxal da transferência, na qual o analista é/não é o objeto primário, pode ser compreendido pela particular concomitância de simetria e assimetria.

O que temos até aqui? Da leitura de Matte-Blanco emerge um modelo de mente, a mente-classificadora, permanentemente ocupada com a tarefa de tornar os estímulos capazes de serem entendidos. A emoção é a estrutura cognitiva básica, sobre a qual podem ser construídos níveis de pensamento de complexidade crescente. As lógicas simétricas e assimétricas são essenciais na composição dos fenômenos mentais, sem hierarquia entre elas. Há uma visão da mente operando concomitantemente em vários níveis, fazendo com que cada estrato “sinta” um mesmo evento, interno ou externo, de maneira diversa. Na visão de Matte-Blanco de saúde mental, imagina-se que a invasão das camadas mais inconscientes seja mais controlada para que a percepção da realidade fique menos perturbada. Ao mesmo tempo, é essencial uma via de contato com as camadas mais simétricas. Ao contrário de uma visão na qual o processo secundário triunfa sobre o processo primário que fica praticamente relegado aos sonhos, destaca-se a permanência da simetria na vida adulta. Mais do que a permanência, o essencial desta presença.

### **E sobre o trabalho psicanalítico?**

O que pensa Matte-Blanco sobre o efeito terapêutico da psicanálise? Já vimos como pensa o “tornar consciente o inconsciente”. Vejamos como coloca o “onde estava o id, estará o ego”. Em linhas gerais, Matte-Blanco demonstra clara preferência pela primeira tópica, ponto de partida para seu trabalho (Matte-Blanco, 1975). Para ele, como o ego não é uma região de cérebro, mas uma função e o modo simétrico não pode nunca se tornar assimétrico, o id nunca pode diminuir de tamanho, é





sempre infinito e não pode ser substituído por nada. O trabalho de assimetrização, no entanto, garante uma fonte inesgotável de enriquecimento para o ego, proveniente das relações assimétricas extraídas do id, se quisermos manter esta nomenclatura. Mas este processo não diminui o tamanho da fonte, porque não retira nada dela, apenas aumenta a possibilidade de relações assimétricas a partir desta origem. A função de tradução é como a imagem num espelho daquilo que não tem forma ou estrutura, mas que potencialmente sugere infinitas formas e estruturas: “*O fato de um objeto ser refletido num espelho ou num milhão dele não diminui seu tamanho*” (Matte-Blanco, 1975, p.301). É a colocação no espaço-tempo do que por definição não cabe nestas dimensões.

Assim, o trabalho analítico pode ser colocado em duas perspectivas: o levantamento das repressões e o trabalho de “tradução” e, para destacar as diferenças entre ambos, parte da idéia de “barreiras”, consideradas fundamentais por Freud na constituição das estruturas mentais (Matte-Blanco, 1975). A barreira da repressão mantém o conteúdo mental fora da consciência (aqui seria um conteúdo já assimétrico, mas mantido fora por um trabalho defensivo, que consiste em tentar recolocar simetria, através de mecanismos como projeção, condensação, deslocamento, etc., que favoreçam o tornar simétrico, inconsciente). A barreira colocada pela assimetria teria uma função totalmente diferente. Propõe o seguinte modelo: várias classes no inconsciente, dentro das quais rege a simetria, distinguidas umas das outras por relações assimétricas, que seriam como uma espécie de bolsa que mantém a classe junta. As barreiras de relações assimétricas poderiam ser consideradas como várias bolsas que carregam o modo simétrico de seu inconsciente profundo para algum tipo de representação na consciência. Puxariam o inconsciente para a consciência num processo sem fim, agindo no sentido contrário ao da repressão. Assim, o trabalho de “tradução” facilita o acesso à consciência, torna-o acessível ao pensamento, enquanto que a repressão impede este acesso. Boa parte do trabalho analítico se daria não em buscar o reprimido, mas possibilitar novas compreensões, provenientes de novas possibilidades de estabelecer relações assimétricas, com um potencial infinito de criatividade, como nas artes (Matte-Blanco, 1975). Como vemos, é uma abordagem muito próxima de Bion que enriquece a visão do processo psicanalítico e explica muito dos efeitos verificados e que não tem a ver com levantamento de material reprimido

Seria correto dizer que a psicanálise silencia os processos inconscientes? A resposta de Matte-Blanco é negativa. Ela poderia anular ou diminuir a invasão destes processos na superfície, tornando menor sua influência na apreensão da realidade. O que é carregado de emoção é mais difícil de ser logicamente pensado. Ao nomear uma emoção antes difusa, o analista introduz assimetria, geralmente acompanhada de alívio: o que antes se irradiava pode ir se tornando mais específico, permitindo



Viviane Sprinz Mondrzak

uma melhor avaliação de cada evento individualizado.

Para tentarmos visualizar o modelo de Matte-Blanco, vejamos uma situação simples, de uma análise de poucos meses. Há um padrão na forma como a paciente se apresenta após o fim de semana: um relato angustiado de várias situações nas quais não se sente bem recebida, ajudada. A empregada queimou a comida, a sogra disse que nora não é parente, a mãe disse não poder ficar com seus filhos para que fosse ao cinema. A forma como sente estas situações é intensa, cheia de angústia, todas são a mesma, carregada de simetria: há uma classe de mães que não cuidam se irradiando em todas direções. Um assinalamento inicial, mostrando que um mesmo sentimento unia todas as situações descritas e dificultava sua capacidade de verificá-las individualmente, provoca um pequeno alívio, introduz-se assimetria, o que organiza o que estava disperso, tornando evidente mecanismos simétricos de generalização, deslocamento. Pensar que não estava braba com todos a sua volta, que esta era a expressão de uma emoção única, que se manifestava em todas estas situações, a reconcilia, mesmo que momentaneamente, com os que a rodeiam.

Mostrar-lhe que estava se sentindo especialmente sem ajuda nos fins de semana foi o passo seguinte, introduzindo uma dimensão temporo-espacial, aproximando-a da percepção de que a queixa principal, neste momento em que depositava todas suas expectativas na análise, era quanto ao se sentir sem este atendimento justamente nos fins de semana. A queixa não era relativa apenas aos fins de semana, correspondia a uma decepção generalizada com a análise, já que chegara idealizando-a intensamente. Apesar disto ser muito claro, não pôde ser assimilado em seguida. Cada situação, envolvendo as mais variadas circunstâncias e pessoas, teve que ser “assimetrizada” com detalhes, discutida, procurando estabelecer contradições e diferenças, até que se pôde retornar à expressão transferencial. A intensidade com que experimentava habitualmente suas emoções pôde ser melhor discriminada: a idealização era extrema, bem como a decepção. A tendência do afeto sentido tendia para o infinito, positivo ou negativo.

O trabalho analítico não é feito sem resistências e estas não são exclusividade do paciente. A dor psíquica que ameaça a busca da verdade aflige também os analistas. Algumas palavras de Matte-Blanco sobre o assunto: “... a lógica foi criada ao longo da história do homem e tem se mostrado útil para ter algum poder sobre a natureza. Do ponto de vista emocional é uma reação contra a ansiedade provocada por sentimentos de fragilidade e insegurança, inicialmente do seio e, depois, de todos os elementos que deixam exposta a impotência diante do mundo... O pensamento lógico-científico é a mais extrema forma de defesa contra sentimentos de impotência e é útil para conquistar a natureza, mas representa um empobrecimento, pois é apenas uma parte da mente humana. Apesar das possibilidades que o estudo do incons-





*ciente traz, não podemos descuidar da angústia que provocam, no paciente e no analista, porque devem se despojar, nem que seja por momentos, das cadeias da lógica aristotélica, que oferece proteção contra a confusão” (Matte-Blanco, 1975, p.58).*

Do ponto de vista de técnica, a recomendação de que o analista afrouxe as cadeias lógicas de seu pensamento para que, através de uma percepção simétrica, possa ter acesso ao simétrico no paciente, oferece subsídios para que se aprofundem temas como “intuição” e o “sem memória e sem desejo” de Bion. Se é impossível um abandono completo destas cadeias, podemos “enfraquecê-las”, utilizando a percepção emocional do que ocorre na relação e aceitando esta dimensão menos lógica, menos assimétrica, como um modo legítimo de conhecer. O mecanismo de “tradução” do que é inconsciente ao modo assimétrico se baseia na possibilidade de transposição de um tipo de lógica a outro, usando o conhecimento emocional como ferramenta, o que coloca o efeito da análise como afetivo-cognitivo.

### Para terminar

Ao reler o escrito até aqui, percebo que há um acúmulo de dados, muito condensados, com o risco de fazer o leitor desistir definitivamente de prosseguir no estudo de Matte-Blanco. Como todo autor criativo, Matte-Blanco é controverso. Alguns dizem que não há nada de novo, ou que ele apresenta uma sistematização forçada da psicanálise, ou que seus escritos trazem pouca clínica, ou que a lógica matemática afasta da psicanálise. Certamente muitas de suas idéias podem e devem ser discutidas e/ou contestadas. Nada disso diminui o mérito de suas contribuições essenciais, nas quais se vislumbra uma proposta epistemológica que precisa ser melhor explicitada. Não é a toa que o terceiro livro que pretendia escrever era sobre este tema. Pena que não o tenha feito. Toda sua visão da mente como classificadora de dados, utilizando uma lógica simétrica e assimétrica, a emoção como estrutura cognitiva básica, as infinitas formas de organizar tríades que estabelecem relações, apontam para uma proposta epistemológica específica, oferecendo material para inúmeras reflexões. O próprio título que daria ao livro (*Si Dios quisiera*) sinaliza a importância que assumem em sua obra a noção de Deus, de Infinito, de Onipotência, como elementos essenciais da natureza humana em sua simetria. Matte-Blanco nos remete à experiência simétrica (num extremo do espectro), que não conhece relações de objeto, onde o sujeito é o objeto, onde “é” todas as potencialidades infinitas implícitas no objeto. O temor à megalomania é sempre associado a esta experiência, já que a pessoa passa a ser a própria verdade. Todo processo de crescimento e de busca da verdade é vivido



Viviane Sprinz Mondrzak

como um desejo narcísico de ser Deus, o que explica o potencial “catastrófico” do pensar. Para Matte-Blanco, o ser humano, diante da frustração pela ausência do seio, sentido como Deus, desenvolve, nas origens do pensar, a tendência a ser o Seio, a ser Deus, procurando negar a ausência e a dependência (Bria, 1992). No entanto, é a tolerância a esta frustração que pode permitir um pensar simbólico, organizador, assimetrizante, que protege do medo de se perder no infinito da experiência simétrica, narcísica. Esta linha de pensamento permite que a psicanálise se aproxime, entre outros, dos fenômenos religiosos a partir de uma outra perspectiva, o que já encontramos em alguns trabalhos (Bomford, 1990; Franco Filho, 1995).

Da aproximação de Matte-Blanco com Bion surge um panorama também mais amplo do método psicanalítico e conceitos como o de “intuição”. Matte-Blanco, como vimos, distingue níveis diferentes de trabalho analítico, enfatizando aquele que trata de um trabalho de assimetria, de expansão nas relações possíveis dentro do infinito do simétrico, o que claramente se relaciona com a expansão da capacidade de pensar sobre a experiência emocional. Seria o trabalho de conduzir da simetria à assimetria através da simetria (a percepção emocional do analista, não usando a lógica). A neutralidade seria uma opção consciente do analista, uma determinada atitude mental que se aproxima da recomendação de sem memória e sem desejo, que o compromete a valer-se de suas emoções para entender a relação com seu paciente.

O número de questões vão se multiplicando à medida que prosseguimos a leitura de Matte-Blanco: como pensar o conflito psíquico, se nas camadas mais inconscientes, com o predomínio de simetria, a possibilidade de conflito fica abolida? Como pode haver um espaço mental, se a mente não tem comprimento ou largura? Como fica a noção de objeto, se, à medida que avançamos em direção a níveis mais profundos de inconsciente, as diferenças com o objeto vão sendo abolidas? Matte-Blanco propõe suas respostas possíveis para estas perguntas, mas fica claro que há espaço para muitos desdobramentos.

Se, após ler este artigo, o leitor ficar curioso ou um pouco intrigado, o objetivo terá sido atingido: remetê-lo a Matte-Blanco. □

## Referências

- BOMFORD, R. (1990). The attributes of God and the characteristics of the unconscious. *IRP*. V. 17, p. 485-489.
- BRIA, P. (1992). Catástrofe e Transformações. *Revista Brasileira de Psicanálise*. V. 26, p.389-396.
- FRANCO FILHO, O. (1995) Experiência religiosa e Psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*. V.29, p.859-872.
- FREUD, S. (1924). Uma Breve Descrição da Psicanálise. *E.S.B.* V. 19, Rio de Janeiro: Imago, 1976.





- \_\_\_\_\_. (1940). Algumas Lições Elementares de Psicanálise. *E.S.B.* V. 23, Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- MATTE BLANCO, I. (1975). *The Unconscious as Infinite Sets*. Londres: Duckworth, 1975.
- \_\_\_\_\_. (1988). *Thinking, Feeling, and Being*. Londres: Routledge, 1999.
- RAYNER, E. (1981). Infinite experiences, affects and the characteristics of the unconscious. *IJP*. 62:403-412.
- \_\_\_\_\_. (1995). *Unconscious Logic*. Londres: Routledge.
- TALAMO, P.B. (1999). *Metapsicología y Metamatemática*. B.Aires: Polemos.

**Viviane Sprinz Mondrzak**

Av. Taquara, 198/201  
90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil  
E-mail: [mondzak@terra.com.br](mailto:mondzak@terra.com.br)

© Revista de Psicanálise – SPPA

